

A Estrela da Revolta e o Sol Negro da Melancolia

Lucas Parreira Álvares¹

Resumo: O presente ensaio propõe-se a abordar a dualidade existente entre Modernidade e Romantismo, apontando convergências que (in) surgiram entre as concepções desses dois movimentos, sobretudo, no século XIX na Europa, através de diálogos com autores como Dickens, Nerval, Rama, Löwy, Sayre, Engels e Marx.

Palavras-chaves: Modernidade; Romantismo; Revolta

¹ Graduando em Ciências do Estado pela UFMG.

A começar pelo fim... Ou melhor, pelo presente. Se o passado aqui desejado é o que chamamos de Modernidade, o início dessa narrativa é o que amiúde conhecemos por “Pós-Modernidade”. Ocasionalmente, as referências trazidas por esse termo tendem a se propagar maneiras díspares: uma superação do mundo bipolar em uma era pós-ideologias; um tempo após avanços tecnológicos tornando o hoje, para o dia seguinte, obsoleto; ou até o tempo contemporâneo. De modo que “contemporâneo” e “moderno” são palavras que, por vezes, se confundem em diálogos corriqueiros. O interessante é que faz certo sentido se confundirem, dado que “modernidade” é uma derivação de “moderno”, que por sua vez, advém do latim medieval *modernus*, significando “o agora, o recentemente” e, além disso, etimologicamente *modernus* é uma junção de dois termos: *hodiernus*, derivado de *hodie*, que significa “hoje”; e o advérbio “modo”. Assim há uma aproximação entre o significado original de moderno com a atual noção de contemporaneidade. A necessidade de criar uma nova palavra para se definir o agora, o recentemente, nos faz pensar que talvez as curvaturas de “moderno” adquiriram outras formas, outros ensejos, outras vírgulas.

O utilizar do termo “pós-moderno” pode adquirir uma tonalidade irresponsável, ao se ignorar o quão elementar é compreender que, em seguida a um prefixo, há uma denominação possuidora de conceito, de tal forma que seria absolutamente frágil utilizar-se do prefixo sem uma justificativa para tal, ou, em outras palavras, devanear a pós-modernidade sem delinear o que seria a modernidade em si.

Por mais que o que “viria/virá” depois seja alvo de inquietações, o que “veio/vem” é objeto de análises o tempo por inteiro. A modernidade já foi conceituada como um tempo histórico, uma tendência, uma era, um fenômeno, etc. Dessas denominações apresentadas, a que passa por despercebida é talvez a mais caricata: o “etc”. Essa palavra deriva de *et cetera*, uma expressão de origem latina que significa “os restantes, os demais, o resto”. Se pudéssemos definir a modernidade em uma palavra, deveríamos atribuir “etc” a esse papel. Nem *et cetera*, tampouco etcetera. Não: a modernidade é prática e abreviada.

“Etc” é o finito eterno. É a exacerbação do ocultamento mais sublime, mais descarado da modernidade. É a linguagem cumprindo seu papel proposto por Nebrija¹, suscitando a padronização e a subalternização. Dentro do *etc* está aquilo que prescinde menções, o que dispensa apresentações – não por prestígio, e sim por desfavor. “Países do ocidente, bem como Espanha, Portugal, Eua, Canadá, etc” / “Idiomas relevantes, bem como o inglês, espanhol, francês, alemão, etc” / “Minorias sociais, tais como mulheres, negros, gays,

¹ Antonio de Nebrija (1444 – 1522), autor da primeira gramática do mundo: a da língua castelhana.

índios, etc”. O “etc” é resto, e nesse resto cabe tudo. Essa complexa necessidade que criamos de caracterizar as indefinições, preferiu promover o engavetamento dos nomes à indistinção das definições.

Se por um lado o indistinto é utopia, o definido está bem servido. E esse prato se sustenta no seu alicerce: a modernidade. Permeando as primeiras classificações e impermeando o dito “resto”, ela segue atraindo o contra-brilho exuberante da melancolia e desfazendo/controlando/cooptando o fiapo de luz da revolta. Lowy² e Sayre³ trazem um incremento ousado à modernidade, não apenas como algo constitutivo, mas também como fator determinante. O “Romantismo”, pela ótica dos autores, não se apresentara apenas como uma escola artística, e sim como um fenômeno mais abrangente e audacioso: o contraponto à modernidade, podendo estar viciado a qualquer extremo.

Toda crítica à modernidade é essencialmente uma crítica moderna. De tal modo, a criticar a noção moderna de radicalidade pode parecer uma afronta à noção radical de modernidade. O conceito de “radical” involuntariamente carrega consigo a mais tenebrosa e pesada cruz do ponto de vista de uma construção narrativa/argumentativa, ou seja, a incapacidade de ser moderado. Já o moderado é o oposto, pois ele “é por que não é”. Ele é moderado, por que não é radical. E “ser por não ser”, conduz junto a si a falácia de que é tolerável, lúcido e palpável. Se compreendemos as ideias radicais como excessos – atribuindo a elas um pesar – e as ideias moderadas como plausíveis – atribuindo a elas um louvor – caímos na mais sinuosa armadilha moderna, que é a inépcia no ato de se distinguir, cevando a lógica binária da subjetividade no campo das ideias. Se há vício em um extremo, necessariamente há a possibilidade de haver vícios no outro extremo – nota-se que não são “outros extremos”, pois aparentemente o potencial criativo humano moderno pareceu ser insuficiente ao vértice de uma figura geométrica de três lados ou mais.

O romantismo, ainda que inconsciente, se colocou como oposição à modernidade pelo dualismo falso simétrico: reacionário e revolucionário. A ideia revolucionária é amante da modernidade, é seu amor proibido. Se encontram em momentos oportunos, inusitados e espontâneos. Faz parecer autônoma, mas assegura-se de mantê-la sob seu domínio, não pelo poder de suas ações, e sim pelo controle de tudo aquilo que a rodeia. Revolução é estrela solitária em meio à imensidão do céu. A ideia reacionária é a outra amante da modernidade, seu outro amor proibido. Se encontram em momentos de saudosismo, nostalgia e saudade. Faz parecer ultrapassada, mas assegura-se de mantê-la sobre a égide do presente, não por

² Michael Löwy (1938 -), Sociólogo vinculado ao *Centre National de la Recherche Scientifique*, em Paris.

³ Robert Sayre (1933 – 2014), professor da Universidade de Paris *Est Marne-la-Vallée*.

medo de suas ações, e sim interesse em se aliar a ela. A ideia reacionária é uma pequena estrela absorvida pelo sol negro.

A concepção coloquial de “reacionário” nos remete ao conservadorismo. Entretanto, semanticamente, o reacionário é aquele que tem ojeriza ao tempo presente e é essencialmente antiprogressista. Por isso, grande parte dos românticos reacionários europeus do século XIX tinham como fundamento futuro uma sociedade reacionária no sentido de que ela teria como fim o retorno, ou seja, uma sociedade pré-moderna. Os românticos revolucionários também contrapunham a modernidade, porém tendo como fundamento uma sociedade que superasse a modernidade. A maior revelia do revolucionário é a principal característica da modernidade – o Capitalismo. Por isso, nessa concepção, podemos dualizar os conceitos modernidade/capitalismo, pois sem modernidade não haveria capitalismo, e sem capitalismo, obviamente não haveria modernidade.

Seria um disparate que a construção poética que inspira esse texto surgisse no âmbito da lucidez. Foi exatamente no abismo da loucura que Gerárd Nerval⁴, em seu poema “O Deserdado” escreveu: “Sou o tenebroso – o viúvo – o inconsolado / O príncipe na torre abolida de Aquitânia / Morta minh’única estrela – meu alaúde constelado / Porta o Sol negro da Melancolia”. Essa é a primeira estrofe que abre “As Quimeras”, obra referência de Nerval, exatamente no momento de sua maior insanidade mental. O fato de essa obra apresentar sonetos tão bem construídos desafia-nos a lidar com a beleza que pode suceder entre a poética e a perturbação.

Löwy e Sayre adaptaram essa passagem de Nerval e, em sua obra “Revolta e Melancolia”, caracterizaram a dualidade desse movimento artístico europeu como “a estrela da revolta e o sol negro da melancolia”. O que esse texto tenta propor é uma segunda adaptação, não modificando o termo cunhado pelos autores, nem tampouco a inspiração, e sim, ampliando a ideia não só para o Romantismo, como também para a Modernidade em si, de modo que “a estrela da revolta” seja o lampejo daqueles que resistiram à Modernidade como um fenômeno e daqueles que buscam sua superação, sua ruptura, sua transcendência; o “sol negro da melancolia” é o clarão obscuro da abrangência das irredutibilidades modernas: do “etc” como exclusão do diferente, do patriarcado como forma de organização familiar, da subalternização epistemológica como fundamento para a construção do saber, e do Capitalismo como última solução como meio de produção.

⁴ (1808 – 1855), romântico francês do Século XIX.

“De um profético sopro o chão foi sacudido⁵”, assim, Modernidade e Capitalismo são termos que se confundem, muito embora as compreensões que debatem o fim da modernidade não almejam apenas o fim do capitalismo como meio de produção, e sim com o fim de um capitalismo cognitivo, parte considerável desse Sol melancólico. Muito se discute sobre o momento de início do Capitalismo e da Modernidade, ou seja, o ascender do “breu”, por assim dizer: do ponto de vista da sociologia clássica, esse início teria se dado na transição do século XVIII para o XIX, com a instauração das instituições modernas. Pela ótica do Direito, a transição temporal é a mesma, ainda que por motivos diferentes – no caso, a inauguração do Estado de Direito. Para a economia não é diferente, atribuindo o sentido à superação do feudalismo e dos meios pré-modernos de produção. Entretanto, há quem referencie o início do capitalismo ao processo colonizador nos séculos XV e XVI, seja pela exploração da mão de obra escrava – lembrando que nesse tempo escravismo era sinônimo de exploração indígena⁶ – ou pela primeira noção de uma moeda efetivamente global: o ouro e a prata. Esse seria o ponto de vista da Alteridade, se baseando nas relações humanas intersubjetivas do período colonial.

O fato é que, independente da noção aqui trabalhada, o surgimento do Capitalismo foi uma tendência que afogou todas as solidificações feudais nas “águas geladas do cálculo egoísta⁷”: todas as instituições foram reinventadas, as relações humanas, as subjetividades, as formas e problematizações. As águas são geladas pois o cálculo é egoísta, e por assim ser, a morte decorrente da incapacidade de funcionamento das vias respiratórias talvez seja a metáfora ideal para o tempo superado pela modernidade: faltou ar, faltou fôlego. De modo que a respiração moderna pulsa sem muitos empecilhos. A contra hegemonia moderna parece atingir não o sistema respiratório, mas sim o sistema nervoso central: alguns comandos já não respondem mais. O “cálculo egoísta” é também exposto por Nerval, já que no poema “Versos Áureos” caracteriza cirurgicamente o homem moderno: “Oh, homem pensador, julgas que em ti somente / Que há a razão neste mundo onde em tudo arfa a vida / Das forças que tu tens tua vontade é servida / Mas dos conselhos teus o universo está ausente”.

Porém, talvez a mais concreta representação romântica do homem moderno seja a feita pelo inglês Charles Dickens⁸, com seu personagem Mister Thomas Gradgrind⁹ na sua obra “Tempos Difíceis”. Gradgrind acreditava necessariamente na barganha como

⁵ “Délfica”, G. Nerval, em “As Quimeras”.

⁶ Escravismo passou a ser sinônimo de negritude só após a abertura da linha comercial do atlântico norte, no século XIX.

⁷ Marx e Engels, Manifesto do Partido Comunista, 1948.

⁸ (1812-1880), romancista inglês.

⁹ A tradução mais próxima do nome seria “senhor triturador sob medida”.

fundamento de tudo, com uma audácia a dizer que “a gratidão deveria ser abolida, e as virtudes que dela brotavam deveriam deixar de existir”. Mais caricato ainda é quando ele sugere que “cada minuto da existência humana, do nascimento até a morte, deveria ser uma barganha diante de um guichê”. Não surpreende que Gradgrind portasse sempre consigo uma tabuada e uma balança com régua, de prontidão a medir “qualquer parcela da natureza humana e dizer o resultado exato”.

As palavras de Dickens e os versos de Nerval abrem portas para questionamentos mais distantes. Gradgrind talvez seja a personificação do ideal moderno de racionalidade. O século XIX parece o agora, e o agora parece o passado. Essa é a lógica da “Cidade Letrada”, observada por Rama¹⁰, capaz de se projetar antes da sua existência, se conservar além da sua execução material, e se sobreviver mesmo em luta com as modificações sensíveis que introduz incessantemente o homem comum – essas, as pequenas estrelas. E Rama - que para Vargas Llosa¹¹ era um polêmico desses que não se encontram por aí – estava certo. Dickens descrevia a cidade/sociedade moderna de tal forma: “havia ruas largas, todas muito semelhantes umas às outras, e ruelas ainda mais semelhantes umas às outras, onde moravam pessoas também semelhantes umas às outras, que saíam e entravam no mesmo horário, produzindo os mesmos sons, nas mesmas calçadas, para fazer o mesmo trabalho, e para quem cada dia era o mesmo de ontem e de amanhã, e cada ano equivalente ao próximo e ao anterior”.

O fato é que ao mesmo tempo em que Modernidade era/é tautológica, era/é também um projeto vivo, pulsante, ousado e particular. Diria que a Modernidade “desempenhou na história um papel iminentemente revolucionário”, mas, em outras palavras, já disseram isso. Esse Sol negro melancólico atravessa noites, perpassa tempestades e oculta aquele que não o interessa. Essa Estrela da Revolta atravessa a história, perpassa a memória, e só não desvela “aqueles outros”, pois eles somos nós, e nós somos eles: indivíduos indistintos.

O que fica, é que Sol Negro se mantém, mas a Estrela da Revolta também.

Referências Bibliográficas

DICKENS, Charles. *Tempos Difíceis*. São Paulo: Boitempo, 2014. 336 p.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e Melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015. 287 p.

¹⁰ Ángel Rama (1926 – 1983), acadêmico e crítico literário do Uruguai.

¹¹ Mario Vargas Llosa (1936 -), escritor e jornalista Peruano.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998, 256 p.

NERVAL, Gérard. *As Quimeras*. Rio de Janeiro, Topbooks, 1996.

RAMA, Ángel. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Boitempo, 2015. 159 p.

